

BERNARDO

Era noite e chovia. Não muito, não aquela chuva que lava e limpa pessoas e ares, que torna tudo mais brilhante e fresco. Não, era aquela outra chuva que o povo chama de molha tolos, mas que molha também quem tem juízo, aquela chuva que mói, se cola e agarra às roupas, à pele, tornando tudo viscoso, lamacento, impuro. O homem caminhava pela rua quase deserta. Sem guarda-chuva, apenas com uma capa de oleado azul-claro que brilhava carregada de gotículas transparentes quando sobre elas incidiam as luzes dos avaros candeeiros. Caminhava lentamente, indiferente à chuva, às luzes, aos raros passantes, aos ralos brilhos das gotículas transparentes da chuva na capa azul-claro que ele nem via.

Caminhava indiferente a todo o exterior, tal era a concentração no seu interior. Pensamentos que lhe vincavam profunda ruga na testa molhada e que, mesmo que alguém o olhasse, dificilmente poderia imaginar. Pensamentos de enorme desespero, de desilusão, ou, porventura, de enorme interrogação à vida. À sua vida! E....viveria, ele? O que lhe estava a acontecer era alguma espécie de vida? Claro, não tinha a menor dúvida de que apenas por sua culpa, tudo acontecera. Era ele o único responsável pela solidão em que se encontrava. Logo, não deveria queixar-se da vida e muito menos interrogá-la. Que pode a vida dizer sobre a loucura do

homem? Nada, a não ser um encolher de ombros que não significa senão um “aguenta, pá! São as consequências dos teus actos irreflectidos! Não aprendeste que é importante pensar antes de agir? Não? Pois vê se aprendes agora, e de uma vez por todas e se para a próxima és mais cuidadosos! Ainda podes ser feliz, pá! Retrocede, olha que podes estar a viver a tua última oportunidade!”

Não sabemos se por esta palavra que lhe aflora à mente febril – feliz – ou se por qualquer outra razão das muitas que a vida nos atira, de repente, um *flash* que o faz sorrir. Ah, como ela era bonita e elegante e graciosa, daquela graça natural, sem aqueles artificialismos mil vezes estudados que ele detestava nas jovens que conhecia! Como se sentiu atraído, logo no primeiro instante! E, vá lá, sem presunção, mas como ele achou que também lhe despertou a atenção! Ou, pelo menos, a curiosidade! Ah, a magia daqueles dias passados na praia! Nadavam juntos, corriam juntos, comiam e bebiam juntos. Ao fim da tarde, na areia quente, os dois corpos deitados, lado a lado e o sol a caminhar para o crepúsculo, muito lentamente, parecendo sem pressa de se esconder no mar. Nenhum deles falava. Usufruíam, apenas, e sentiam-se tão bem! Que beleza! Que paz! Por alguns instantes, como se movidos por uma mola invisível, voltavam a cabeça um para o outro e sorriam. O sorriso eram palavras inaudíveis de bem-estar, de sintonia, de comunicação interior feita só de gestos simples, como o olhar, palavras de amor...Um dia, oh como ele se lembrava até ao pormenor, quando o sol dava o seu mergulho definitivo, deixando aquela estrada rubra de luz que chegava quase até eles, como que a despedir-se, como que a

dizer que ia com pena de não presenciar o resto, o que inevitavelmente aconteceria, instintivamente, voltaram-se um para o outro. Ele agarrou-lhe a cabeça misturando, com os cabelos loiros, a areia doirada que levava nas mãos e surgiu o primeiro beijo. Ao de leve, como se uma prova emocionalmente apetecida e, de repente, profundo, violento, imparável. Os corpos encostaram-se mais e mais, escaldantes, pedindo amor. E foi então que ela o empurrou docemente.

– Que tolice é esta? Meu Deus, aqui na praia!

– Bastante deserta, deves concordar – acrescentou ele, não desviando dela os olhos brilhantes e não se movendo um milímetro.

– Lugar impróprio, de qualquer modo. De resto, começa a fazer-se tarde... – Acrescenta ela, levantando- -se.

– Tarde? Tarde para quê? Olha a beleza mágica da natureza, não gostas? – Interroga com extrema doçura.

– Muito, mas prometi aos meus pais que jantaria com eles.

– Vemo-nos amanhã? – Pergunta ele levantando-se também.

– Por certo, mas olha que eu adoro a praia de manhã. Pelas onze horas já não suporto o sol. Alinhas numa madrugada?

– Claro que alinho. Já vejo que temos os mesmos gostos. Essa coisa de torrar ao sol nunca foi para mim. Nem sequer entendo as pessoas. Nunca se falou tanto em cancro